

TRANSGRESSÕES NAS FRONTEIRAS DA GLOBALIZAÇÃO

Célia Maria Antonacci Ramos

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e Professora do Centro de Artes (CEART/UDESC)

Entre as inúmeras rotas de nossa contemporaneidade globalizada, aqui entre nós, enfrentamos os longos anos de repressão. O ano de 1964 assinala oficialmente o ano do golpe civil-militar. Enquanto, nesse mesmo ano, em Frankfurt, as atrocidades de Auschwitz eram condenadas, os esquadrões da morte no Brasil e na Argentina atualizavam os horrores dos campos de concentração. Entretanto, se atrasarmos o tempo da História, percebemos que 2014 registra também os cem anos do primeiro grande conflito do Ocidente. As políticas totalitárias hasteavam suas bandeiras em todos os continentes e mares. “A expansão é tudo”, disse Cecil Rhodes, deprimido ao ver no céu essas estrelas (...) esses vastos mundos que nunca poderemos atingir. Se eu pudesse, anexaria os planetas” (apud Hannah Arendt, 2004, p. 154). Já naquela época, fazíamos parte de uma engrenagem geopolítica que disputava terras, mares e poder sobre elas subjugando as pessoas, usurpando as riquezas, os territórios e, especialmente, as liberdades.

“A política de expansão por amor a expansão”, como salienta Hannah Arendt (1989, p. 151), “precipitou as nações ao colonialismo e ao Imperialismo. Antes da era Imperialista não existia o fenômeno de política mundial, e sem ela a pretensão totalitária de governo global não teria sentido”.

Em 1964, o Brasil não era um lugar isolado nessa repressão aos Direitos Civis e a grupos de ativistas. Mundo dividido em Leste/Oeste desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a competição entre as superpotências visava uma busca ilimitada de poder. As políticas totalitárias objetivavam lá e cá um total controle da população com fins expansionistas.

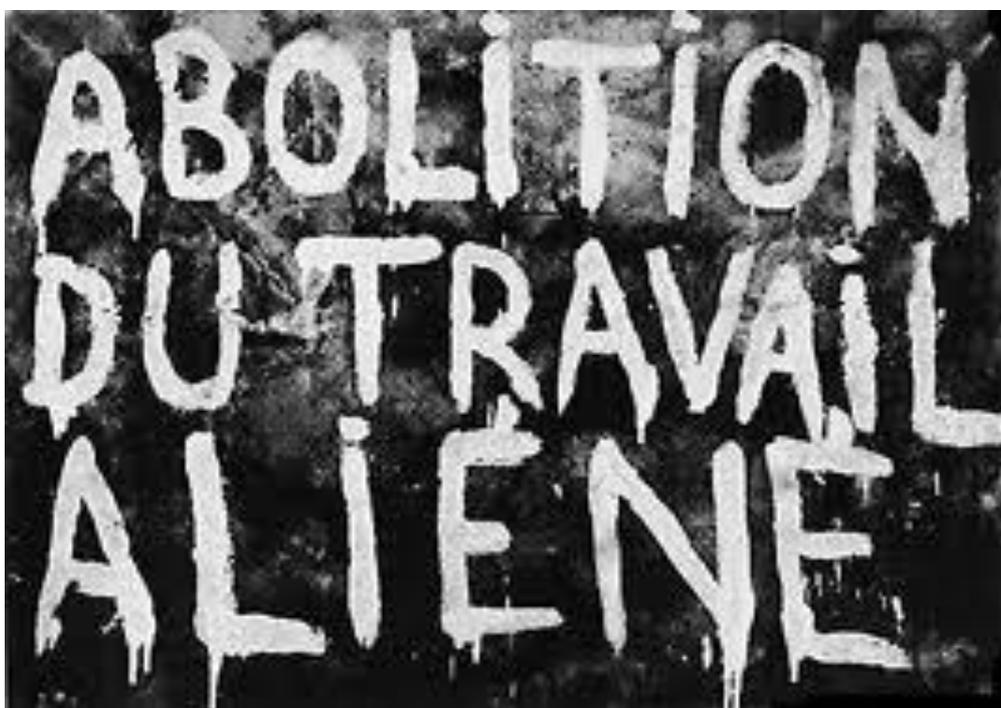
Nestes cinquenta anos que nos distanciam do Golpe civil-militar, nas frestas dos espaços e nos intervalos do tempo registramos micro e macro acontecimentos.

Enquanto os pântanos do Vietnã atolavam quinhentos e cinquenta mil jovens soldados norte-americanos e cem mil toneladas de napalm eram lançadas sobre a sociedade civil, na Índia, Mahatma Gandhi jejuava contra o colonialismo inglês e, nos

EUA, Martin Luther King proclamava: “eu olhei ao redor e vi a terra prometida. Talvez não chegue lá com vocês. Mas saibam, que nós, como um povo, chegaremos à terra prometida”. (apud Zappa e Soto, 2008, p. 99).

Martin Luther King foi assassinado em 1968 e, nós, como um povo, ainda hoje não chegamos à terra prometida.

Na Europa, os nascidos pós-guerra não aceitavam no conformismo as repressões. Queriam a liberdade de expressão, de ir e vir, de fazer amor. Em Paris, Guy Debord escrevia nos muros da cidade “Abolition du Travail Aliené”, enquanto na antiga Tchecoslováquia, a Primavera de Praga logo viu suas flores cortadas.



Fonte: <http://thesinisterquarter.wordpress.com>

Cá entre nós, no Brasil, no ano do golpe, 1964, houve a dissolução da UNE, União Nacional dos Estudantes, seguida de invasões militares às Universidades. Os estudantes saíram das salas de aula e enfrentaram às ruas, dando sequencia a inúmeras manifestações opositoras no campo da política e da arte. Em Junho de 1968, a marcha dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, ficou registrada como a mais significativa reunião de pessoas contra a ditadura, e a morte dos estudantes Edson Luiz, no Calabouço, Rio de Janeiro, e Ivo Vieira, em Goiânia, nos fazem refletir sobre os milhares de óbitos que mancharam para sempre o calendário e o mapa do Brasil.

Os protestos e inconformismos ecoavam de diferentes campos do saber. Na música, a voz de Jair Rodrigues Disparava a canção de Geraldo Vandré e Théo de Barros e anunciava:

Prepare seu coração prás coisas que vou lhe contar, eu venho lá do sertão e
posso não lhe agradar...(.) Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei (...)
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

Entretanto, se os nordestinos bravamente anunciavam sua chegada aos centros de poder, os ditadores logo fecharam seus espaços expositivos, a 2º Bienal da Bahia, 1968, é um exemplo.

Caetano e Gil, companheiros de cação de Jair Rodriguez, ao cantar a Tropicália, seguiram para o exílio. Mas os jovens não se intimidavam. Em 1970, Chico Buarque cantava:

“Apesar de você/amanhã há de ser/ Outro dia’

Nas artes visuais, em 1969, em protesto ao AI 5, promulgado no final de 1968, Artur Barrio espalhou pelos ruas do Rio de Janeiro quinhentas “Troupas ensanguentadas”, e Cildo Meireles lançou a nota de um cruzeiro carimbada com a pergunta “Quem Matou Herzog?”.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=artur+barrio,+trouxas+ensanguentadas>



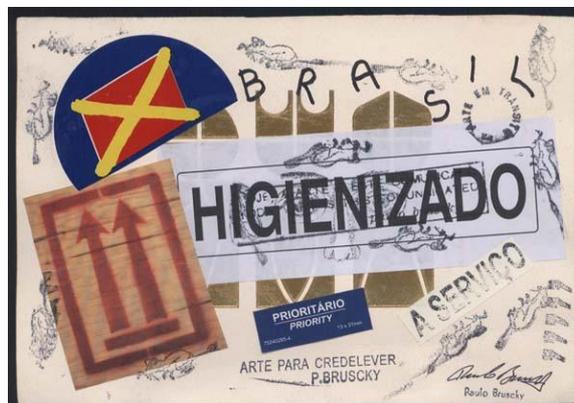
Fonte: <http://cildomeireles.blogspot.com.br/2010/10/quem-matou-herzog.html>

Os ditadores agrediam e os artistas transgrediam.

Hélio Oiticica em “Esquema geral da nova objetividade”, afirmava:

“No estado típico da arte brasileira de vanguarda atual... para se ter uma posição atuante, que conte, tem que ser contra, visceralmente, contra tudo que seria em suma o conformismo cultural, político, ético, social”. (Ferreira apud Zappa e Soto, 2008, p. 105).

Sobre esse período, também importante lembrar o artista Paulo Bruscky. Transgredindo as interdições políticas de manifestações artísticas, Paulo Bruscky encontrou fora dos museus, mas ainda num meio de comunicação oficial, os correios, uma forma de transgredir, se manifestar, enviar protestos, se comunicar, fazer arte. “O objeto artístico não era a carta postada, mas a comunicação,” “era a internet antes da internet”, conta Paulo Bruscky.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=paulo+Bruscky&espv>

Procurando meios alternativos de comunicação, outros grupos passaram a usar os muros das cidades como suporte para suas insatisfações. Um muro na cidade de São Paulo anunciava: “Mais pão, Menos canhão”.



Imagem do livro Zappa e Soto, 2008, p. 267

Hoje, protestos e poesias de toda ordem ocupam os muros das cidades, os sites das internet. Nesses cinquenta anos, a arte vem mudando seu rumo. Os artistas investem em todas as redes de comunicação e questionam os museus como espaços de elite. Também os diretores e educados programam ações educativas nos espaços dos museus. A arte é mais colaborativa, relacional, menos expositiva.

Novembro de 1989 lembra a queda do Muro de Berlim, ação indispensável para a expansão capitalista ou os ideais da globalização e, cá entre nós, voltamos a eleger nossos governantes.

Hoje, esse mundo que vivemos nos parece mais democrático. Podemos nos conectar em tempo real com populações distantes, ter centenas de amigos facebook. A nova era eletrônica, tanto nas cidades quanto em seus territórios virtuais, possibilita novas estratégias de comunicação e comércio, ativa as trocas de sentimentos, bens e consumo, facilita as redes sociais, contribui na organização de manifestos populares, mas também estimula os xenofobismos e ações violentas com caráter de terrorismo. Percebemos que não somos nós, conectados dia e noite às redes que definimos os caminhos e usos das novas e avançadas tecnologias. Elas seguem os interesses

também de insurgentes e dos que definem a ação do Estado, estes nem sempre democráticos, e as necessidades humanas da grande maioria não estão sendo atendidas.

As cidades crescem, a crise urbana aumentou enormemente no começo deste novo milênio. As migrações intensificaram-se. Os portos e aeroportos estão atolados de gente, uns seguem para as cidades e fotografam os monumentos, outros para as salas de interrogatórios. Os projetos neoliberais produzem riquezas materiais, mas também desigualdades sociais. Como diz o curador marroquino Abdellah Karroum (2012, p. 47), “percebemos que na globalização, nós estamos no mesmo espaço geográfico, mas não exatamente na mesma ranhura da história”.

Hoje, nós somos todos cosmopolitas, porque não há mais vida fora das cidades, não há mais como estar no mundo fora das cidades, mas as cidades não estão preparadas para receber centenas de pessoas que a ela chegam diariamente. As cidades são zonas de intensa proximidade. A geografia urbana, que em tempos de formação das cidades, pressupunha conectar as vizinhanças, estabelecer a cidadania através da participação na (res) pública, hoje mais a estratifica do a une. Nas cidades contemporâneas, uma avenida ou uma ruela pode marcar a linha entre a pobreza e a riqueza, a alienação e o pertencimento. Mas para além de uma demarcação física entre as pessoas, um olhar estabelece uma fronteira. Nos perguntamos, quais habilidades de sobrevivência, comunicação e tolerância estão sendo pensadas em experiências cosmopolitas e quais ações colaborativas que estão promovendo uma integração?

Chegamos aos cinquenta anos do golpe e, em muitos campos do saber, da política e da arte estamos a exumar pessoas, documentos, lugares e memórias. Mas este revisitar da História só terá valor se o desconectarmos da engrenagem da História Oficial e começarmos a valorizar as histórias dos que ainda vivem a discriminação racial, ou na escassez da liberdade, em sistemas prisionais, na privação de um lar, ou da dignidade de ascender a sua prioridade sexual. Se soubermos valorizar as poéticas de exílio e de subalternos.

Refletir sobre a infeliz relevância desse período semi-esquecido para os eventos contemporâneos não significa necessariamente evitar que esse passado ressurgja, porque, cito Hannah Arendt (2004, p.152), que, em 1967 escreveu: “Por mais que possamos aprender com o passado, isso não nos torna capazes de conhecer o futuro”.

Não poderia deixar de citar Walter Benjamin, para quem “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no memento de um perigo”. (224).

Neste ano, 2014, quando completava um ano de desaparecimento do pedreiro Amarildo, Cildo Meireles lança sua segunda nota, agora de dois reais e com a inscrição “Cadê Amarildo”.



www.google.com.br/search?q=cildo+meireles,+cadê+amarildo

Face aos últimos acontecimentos, faço minhas as palavras de Jean Améry (2013, p.15), ex-deportado dos campos de concentração, que, em 1977 escreveu: “esse período rivaliza em horrores com as piores épocas de uma história tão real quanto irracional”.

Hoje, muitos de nós, emparedados nos muros e cercas das Universidades, pesquisamos, debatemos em zonas de conforto, o desconforto dos outros, de minorias, refugiados de guerras e secas, dos sem teto, sem abrigo, sem cidade, sem cidadania.



Fonte: www.google.com.br/search?q=René+Magritte+/pássaro+e+ovo

Como René Magritte, desenhamos nosso pássaro a partir do ovo. Ele é um embrião que está empalhado na História Oficial. Muitos acreditam que ele não voa mais. Edward Said (2005, p. 34), cita Eliot para quem “o sentido histórico supõe uma percepção, não apenas do que é passado do passado, como também daquilo que permanece dele”. E o que resta de Auschwitz e dos anos de chumbo é a intolerância, a mesma que deportou aos campos de morte e aos calabouços das ditaduras, judeus, mulçumanos, testemunhas de Jeová, homossexuais, negros, ativistas político, todo e qualquer cidadão que não estivesse em acordo com as políticas dos Estados Totalitários, as ditaduras, quer elas tenha ocorrido na Europa, nas Américas ou em outros espaços e tempos. Esse passado é um passado que não passa, e pode a qualquer hora ser atualizado.



Desse ovo pode nascer um dinossauro, esse animal que mal conhecemos seu esqueleto, uma cobra, esse animal que só nos ataca quando se sente ameassado, um sapo, esse animal regulador dos ecos sistemas, mas muitas vezes criado em laboratórios com fins de experimentos científicos, ou, um avestruz, essa ave enorme, incapaz de voar, mas também uma águia, essa ave de rapina, carnívora, que guiou o Sacro Império Romano-Germânico e, anos mais tarde, abriu suas asas para deportou milhares de cidadãos às atrocidades do nazismo de Hitler e, hoje, anima o Imperialismo Norte Americano.



Sacro Império Romano-Germânico



Fonte: www.google.com.br/search?q=Sacro+Império+Romano-Germânico
www.google.com.br/search?q=hitler.+águia&esp
www.google.com.br/search?q=águia,+norte-americano&espy

Do ovo pode também surgir um canário e esse logo ser preso a grades



Maria Magdalena Campos-Pons – Bienal de Veneza 2013. Fonte:
www.google.com.br/search?q=Maria+Magdalena+Campos-Pons+-+Bienal+de+Veneza+2013

ou, quem sabe, muitas aves livres para voar sem fronteiras.



Fonte: www.google.com.br/search?q=aves&espv

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMÉRY, Jean. *Além do Crime e Castigo, Tentativas de Superação*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2013.
- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo, Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- BENJAMIN, Walter. ARROUM, Abdellah. De l'impermanence de l'exposition. In *Intense proximité, Une anthologie du proche et du lointain*, Okwui Enwezor, Mélanie Bouteloup, Abdellah Karroum, Emilie Renard et Claire Staebler (orgs.), *La triennale 2012*. Palais de Tokyo. Paris, 2012.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- ZAPPA, Regina e Ernesto Soto. *1968 Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.